

Go Tani

# ENSAIOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Blucher



Go Tani

# ENSAIOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

*Ensaio em Educação Física*

© 2023 Go Tani

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editores* Eduardo Blücher e Jonas Eliakim

*Coordenação editorial* Andressa Lira

*Produção editorial* Kedma Marques

*Preparação de texto* Ana Lúcia dos Santos

*Diagramação* Thaís Pereira

*Revisão de texto* Bruna Marques

*Capa e Imagem* Laércio Flenic

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ensaio em Educação Física / Go Tani. – São Paulo : Blucher, 2023.

348 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-775-0

1. Educação física I. Título

23-2135

CDD 796

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação física

# CONTEÚDO

## PARTE I – REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

<b>1</b>	<b>PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA CINESIOLOGIA NOS ESTADOS UNIDOS: O QUE PODEMOS APRENDER COM ELES?</b>	<b>29</b>
1.1	Considerações iniciais	29
1.2	Origem e desdobramentos da Cinesiologia	31
1.3	Síntese dos desdobramentos da Cinesiologia	43
1.4	Considerações finais	46
	Referências	47
<b>2</b>	<b>REFLEXÕES SOBRE O EMPREGO DOS CONCEITOS DE INTERDISCIPLINARIDADE, MULTIDISCIPLINARIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA</b>	<b>53</b>
2.1	Considerações iniciais	53
2.2	Os conceitos de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade	54
2.3	O emprego dos conceitos multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na Educação Física	60

2.4	Considerações finais	66
	Referências	67
<b>3</b>	<b>ALGUMAS REFLEXÕES PONTUAIS SOBRE O RESILIENTE EMBATE “BIOLÓGICO VERSUS SOCIOCULTURAL” NA EDUCAÇÃO FÍSICA</b>	<b>71</b>
3.1	Considerações iniciais	71
3.2	Das reflexões	72
3.3	Considerações finais	81
	Referências	81
<b>4</b>	<b>A OBESIDADE INFANTIL COMO OBJETO DE ESTUDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS</b>	<b>83</b>
4.1	Considerações iniciais	83
4.2	Da relevância da discussão	85
4.3	A obesidade infantil como objeto de estudo da Educação Física	90
4.4	Considerações finais	92
	Referências	92
<b>PARTE II – PREPARAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA</b>		
<b>5</b>	<b>O ENSINO DE GRADUAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: COMO CONCILIAR UNIDADE E DIVERSIDADE?</b>	<b>97</b>
5.1	Considerações iniciais	97
5.2	O pensamento sistêmico e a estrutura curricular: a unidade em perspectiva	98
5.3	A “rebeldia” inerente à cultura acadêmica: a fonte da diversidade	102
5.4	Considerações finais	106
	Referências	107

<b>6</b>	<b>O ENSINO DE GRADUAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: O DESAFIO DE SINCRONIZAR TRÊS VELOCIDADES DISTINTAS</b>	<b>111</b>
6.1	Considerações iniciais	111
6.2	A velocidade da ciência e da tecnologia	112
6.3	A velocidade da sociedade	114
6.4	A velocidade da universidade	116
6.5	Especulando possibilidades de sincronização	119
6.6	Considerações finais	122
	Referências	123
<b>7</b>	<b>AS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS E A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL PARA A ATUAÇÃO NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO</b>	<b>125</b>
7.1	Considerações iniciais	125
7.2	O perfil do profissional para atuar no esporte de alto rendimento	128
7.3	Os conhecimentos que dão suporte à formação do profissional com esse perfil	129
7.4	O curso para formar o profissional com esse perfil	131
7.5	As novas Diretrizes Curriculares Nacionais e o curso de preparação profissional para o esporte de alto rendimento	133
7.6	Considerações finais	135
	Referências	135

### **PARTE III – PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

<b>8</b>	<b>PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES ACERCA DA UTILIDADE DO CONHECIMENTO</b>	<b>141</b>
8.1	Considerações iniciais	141

8.2	A utilidade do conhecimento científico	143
8.3	Ciência básica, aplicada e tecnológica	144
8.4	A defesa do conhecimento desinteressado	147
8.5	A denúncia sobre a inutilidade do conhecimento científico	150
8.6	A universidade como locus da produção do conhecimento: a Educação Física em foco	153
8.7	Considerações finais	155
	Referências	156
<b>9</b>	<b>A PRODUÇÃO INTELCTUAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA: O ENSAIO ACADÊMICO EM FOCO, COM A TERCEIRA CULTURA EM PERSPECTIVA</b>	<b>159</b>
9.1	Considerações iniciais	159
9.2	Tipos de publicação e docência no ensino superior	162
9.3	A produção de ensaios acadêmicos	165
9.4	A terceira cultura e os ensaios acadêmicos	166
9.5	Considerações finais	169
	Referências	170
<b>10</b>	<b>A FORMAÇÃO DO PESQUISADOR EM COMPORTAMENTO MOTOR: REFLEXÕES À LUZ DA CRIAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA COGNITIVA</b>	<b>173</b>
10.1	Considerações iniciais	173
10.2	A formação dos alicerces da Ciência Cognitiva	178
10.3	O período inicial da Ciência Cognitiva	183
10.4	Considerações finais	188
	Referências	189
<b>11</b>	<b>NOS MEANDROS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES PONTUAIS A PARTIR DO CONCEITO DE ENTROPIA</b>	<b>191</b>
11.1	Considerações iniciais	191

11.2	O conceito de entropia	192
11.3	A entropia na pós-graduação	194
11.4	A entropia na pesquisa	197
11.5	A entropia na preparação profissional	200
11.6	Considerações finais	201
	Referências	202

## **PARTE IV – ESTUDO DO COMPORTAMENTO MOTOR E O ESPORTE**

<b>12</b>	<b>UMA PERSPECTIVA INTEGRADA E INTEGRADORA DA EXCELÊNCIA NO ESPORTE</b>	<b>207</b>
12.1	Considerações iniciais	207
12.2	Do pano de fundo	208
12.3	Da concepção de esporte de múltiplas perspectivas	209
12.4	Da perspectiva integrada e integradora da excelência no esporte: aprendendo com Michael Jordan e Joãozinho	211
12.5	O papel da técnica e habilidade na perspectiva integrada e integradora da excelência no esporte: aprendendo com Dick Fosbury e, mais uma vez, com Joãozinho	215
12.6	Considerações finais	217
	Referências	218
<b>13</b>	<b>O CONCEITO DE ORGANIZAÇÃO HIERÁRQUICA E O ESTUDO DO COMPORTAMENTO MOTOR</b>	<b>221</b>
13.1	Considerações iniciais	221
13.2	Estrutura hierárquica das técnicas nas modalidades esportivas	224
13.3	Organização hierárquica na execução de habilidades motoras	228
13.4	Organização hierárquica no desenvolvimento motor	229

13.5	Organização hierárquica no controle motor	234
13.6	Organização hierárquica na aprendizagem motora	236
13.7	Considerações finais	239
	Referências	<b>240</b>
<b>14</b>	<b>O CUIDAR DO “CAVALEIRO” NA FORMAÇÃO ESPORTIVA: A ANTECIPAÇÃO EM FOCO</b>	<b>245</b>
14.1	Considerações iniciais	245
14.2	A antecipação na execução de habilidades motoras	248
14.3	Habilidades motoras do futebol	249
14.4	Habilidades motoras do voleibol	252
14.5	Considerações finais	253
	Referências	254
<b>PARTE V – EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b>		
<b>15</b>	<b>PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A NECESSIDADE DE RESGATE DA TRADIÇÃO PEDAGÓGICA</b>	<b>259</b>
15.1	Considerações iniciais	259
15.2	O abandono da tradição pedagógica	262
15.3	As consequências do abandono	265
15.4	O resgate da tradição pedagógica	268
15.5	Considerações finais	277
	Referências	278
<b>16</b>	<b>O PROJETO “EDUCAÇÃO FÍSICA NA PRÉ-ESCOLA E NAS QUATRO PRIMEIRAS SÉRIES DO ENSINO DE PRIMEIRO GRAU” DA SEED-MEC/1982: UMA INICIATIVA FUTURÍSTICA DESPERDIÇADA</b>	<b>287</b>
16.1	Considerações iniciais	287
16.2	O projeto	288

16.3	O cenário atual	291
16.4	Os desdobramentos do projeto	293
16.5	Considerações finais	295
	Referências	295
<b>17</b>	<b>FUNDAMENTOS DE UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM CONCEITUAL PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO</b>	<b>301</b>
17.1	Considerações iniciais	301
17.2	Pesquisas sobre educação física escolar	303
17.3	Abordagem conceitual na educação física escolar	306
17.4	Abordagem desenvolvimentista e o Ensino Médio	308
17.5	Justificativas da proposição de uma abordagem conceitual para o Ensino Médio	309
17.6	Considerações finais	316
	Referências	317
<b>18</b>	<b>PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE HABILIDADES MOTORAS NA ABORDAGEM DESENVOLVIMENTISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b>	<b>323</b>
18.1	Considerações iniciais: o processo ensino-aprendizagem como um sistema	323
18.2	Alguns princípios a serem observados no processo ensino-aprendizagem de habilidades motoras	325
18.3	Considerações finais	341
	Referências	342

## CAPÍTULO 1

# Passado, presente e futuro da cinesiologia nos Estados Unidos: o que podemos aprender com eles?

### 1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A identidade acadêmica, um assunto por muito tempo ignorado pela Educação Física no nosso país, pelo menos por uma boa parte dos pesquisadores e docentes universitários – apesar de não terem faltado insistentes chamamentos para a discussão e a apresentação de propostas (por exemplo, Tani, 1996, 2008, 2016) –, tem começado a receber, finalmente, maior atenção da comunidade acadêmica. Contudo, essa mudança de atitude está acontecendo não porque a Educação Física entendeu repentinamente que o assunto é relevante do ponto de vista acadêmico-científico. Os motivos e as motivações são de caráter mais pragmático, estreitamente vinculados à avaliação institucional da pós-graduação e à avaliação individual da produção científica. No primeiro caso porque a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) introduziu no Qualis o critério “pertinência à especificidade acadêmica da área” para a classificação dos periódicos, afetando diretamente a avaliação dos programas. Cogita-se, inclusive, a possibilidade de glosa dos artigos, utilizando-se do mesmo critério. No segundo caso, porque esse procedimento poderá vir a ser utilizado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na avaliação da produção individual do pesquisador para efeito de concessão da bolsa de produtividade em pesquisa e de financiamento de projetos de pesquisa.

Não é difícil imaginar que, se essas Instituições – CAPES e CNPq – já estão adotando ou vão adotar tal critério nas avaliações da produção intelectual, o mesmo procedimento poderá ser empregado por outras organizações, como as Fundações Estaduais de Apoio à Pesquisa (FAPs) e as próprias Instituições de Ensino Superior, para se avaliarem generalizadamente todos os processos, sejam eles individuais ou institucionais. Esse possível cenário começa a tirar o sono de muitos pesquisadores e docentes que, até o momento, acreditavam que o importante era publicar artigos em periódicos com fator de impacto cada vez mais elevado sem levar em conta se eles pertenciam ou não à área de Educação Física. O mesmo acontecia no que diz respeito ao tema de investigação, cuja escolha era feita sem maiores preocupações no tocante à sua relação com a especificidade acadêmica da área. O foco era o fator de impacto, um indicador que atribui aos artigos nele publicados um “selo” de qualidade concernente ao mérito científico, o que procede, apesar de existirem críticas quanto a ele ser o único critério para se avaliar a qualidade da publicação (Tani, 2007, 2014).

Tudo indica que, doravante, essa especificidade, ou seja, a identidade acadêmica da área, começará a ser levada muito a sério. Todavia, existe um problema fulcral a ser resolvido: a Educação Física é uma área de conhecimento que ainda não possui uma identidade acadêmica claramente definida. Certamente, tanto a CAPES como o CNPq devem estar enfrentando um certo dilema: de um lado, a necessidade de utilização do critério de especificidade da área na avaliação da produção científica; do outro, a ausência de uma identidade que defina claramente essa especificidade. De todas as maneiras, como um incansável e resiliente “denunciante” da importância de se aprofundar a discussão acerca do tema, diria: “Ótimo, até que enfim vamos começar a pensar seriamente sobre o assunto! Antes tarde do que nunca”.

De fato, trata-se de uma matéria com indiscutíveis implicações, não apenas na pesquisa e na pós-graduação, mas também no próprio destino da Educação Física, afetando os cursos de preparação profissional e, em última análise, a atuação dos profissionais no oferecimento de serviços à sociedade. Afinal, a definição de identidade delinea o corpo de conhecimentos a ser produzido, disseminado e aplicado pela área (Tani, 1996, 1998, 2016), constituindo-se, portanto, em um conteúdo merecedor de profundas reflexões epistemológicas.

O desafio é enorme e deveras complexo, de modo que a busca por uma melhor definição de identidade acadêmica muito necessita de um norte e de balizamentos capazes de orientar a reflexão para que resultados concretos e efetivos possam ser alcançados. No entanto, a questão é: onde encontrá-los? Não existem tantas alternativas, visto que as experiências vividas por outras áreas de conhecimento, já consolidadas, pouco ajudam porque estiveram vinculadas às suas particularidades acadêmicas, com pouca possibilidade de generalização.

Diante desse cenário, entendeu-se que a fonte mais rica de subsídios para reflexões seria a experiência de países em que a própria Educação Física já tenha enfrentado o mesmo desafio. Assim, a opção foi aprender da experiência de países em que o problema se encontra, se não mais equacionado, ao menos mais discutido e amadurecido. É

o que se pretende neste texto. O seu objetivo é debruçar-se sobre o processo de mudança por que passou e passa a área nos Estados Unidos – da Educação Física para a Cinesiologia (*Kinesiology*) e as suas consequências –, com o intuito de extrair lições para que a Educação Física no Brasil possa dar um salto qualitativo, evitando repetir eventuais embates, disputas e percalços lá enfrentados.

## 1.2 ORIGEM E DESDOBRAMENTOS DA CINESIOLOGIA

A Cinesiologia é uma área de conhecimento relativamente nova na academia. Ela se originou nos Estados Unidos e projetou-se para o Canadá (Elliott, 2007) e para países da Comunidade Europeia, como Bélgica, Croácia, França, Holanda, Noruega e Portugal, além de Austrália e África do Sul (Bardy, 2008). Em alguns países, a denominação *Kinesiology* foi traduzida como “estudo do movimento humano”, “ciência do movimento humano” ou “motricidade humana”. De acordo com a Associação Americana de Cinesiologia (*American Kinesiology Association* – AKA), a Cinesiologia é definida como uma disciplina acadêmica que envolve o estudo da atividade física e seus impactos na saúde, desempenho humano, sociedade e qualidade de vida ([www.americankinesiology.org](http://www.americankinesiology.org)).

### 1.2.1 DA SUA ORIGEM: O “MOVIMENTO DISCIPLINAR” DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A origem da Cinesiologia está no chamado “movimento disciplinar” da Educação Física, que se deflagrou no início da década de 1960 como uma resposta da área ao relatório de uma comissão designada para analisar a situação do sistema universitário americano, avaliando todas as áreas de conhecimento. Esse relatório questionou a presença da Educação Física no Ensino Superior, afirmando que o status acadêmico demonstrado não justificava a sua presença nas universidades americanas, visto que mais caracterizava o de um curso técnico de Ensino Médio (Conant, 1963).

O pontapé inicial desse movimento foi dado por uma fala de Franklin Henry – um pesquisador da Universidade da Califórnia em Berkeley – na reunião anual da Associação Americana para Saúde, Educação Física, Recreação e Dança (*American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance* – AAHPERD), em 1963, cujo conteúdo foi publicado em forma de artigo na revista *JOHPER*, no ano seguinte (Henry, 1964). Nessa fala, Henry afirmou que, se a Educação Física, porventura, ainda não reunia os requisitos de uma disciplina acadêmica, tinha todas as condições para sê-la, e delineou os passos a se seguir para esse status ser logrado. Henry definiu a disciplina acadêmica como um corpo organizado de conhecimentos coletivamente adotado num curso formal de aprendizagem (no caso, curso de preparação profissional; ensino de graduação). Além disso, assumiu que a aquisição de tais conhecimentos constituía um objetivo adequado e relevante por si só, sem nenhuma demonstração ou exigência de aplicação prática. Em razão dessas definições, ele propôs que a disciplina acadêmica de Educação

Física não consistia na aplicação das áreas de Antropologia, Fisiologia, Psicologia, entre outras, no estudo da atividade física. Ao contrário, ela estaria relacionada com o estudo de um objeto próprio, que poderia, até então, estar sendo parcialmente estudado por essas áreas de conhecimento. O foco seria o ser humano como um indivíduo engajado em performances motoras requisitadas na vida diária e em outras performances motoras que produzissem valores estéticos, ou que servissem como expressões da natureza física e competitiva de uma pessoa, aceitando desafios da capacidade para dominar um ambiente hostil e participando em atividades de tempo livre, que assume importância cada vez maior na cultura americana (Henry, 1964).

O que se observou nos anos subsequentes a essa fala seminal de Henry foi uma reação rápida, vigorosa e efetiva da Educação Física em direção à sua estruturação como uma disciplina acadêmica, que se traduziu em montagem de laboratórios, realização de pesquisas, publicação de periódicos, organização de associações científicas por subáreas de investigação, realização de eventos científicos e criação de programas de pós-graduação em torno de um objeto de estudo denominado *movimento humano*. A meta era buscar o status acadêmico-científico o mais rápido possível, visto que, se isso não fosse logrado, haveria o risco de a Educação Física ser excluída do Ensino Superior, acarretando o fechamento de departamentos e cursos de preparação profissional em várias universidades. Estava em jogo, portanto, a sobrevivência da área de conhecimento.

Existe um consenso de que esse “movimento disciplinar” foi muito bem-sucedido (Newell, 2017; Sage, 2013; Silverman, 2009); mais do que isso, há um reconhecimento de que ele elevou o status acadêmico-científico da Educação Física, salvando-a da sua extinção no Ensino Superior (Rikli, 2006). De fato, em pouco tempo multiplicaram-se o volume de artigos publicados e o número de periódicos, de associações científicas e de eventos científicos, de maneira que, num período aproximado de duas décadas, a Educação Física já demonstrava um amadurecimento científico que não deixava dúvidas quanto ao mérito de sua presença no seio do Ensino Superior americano. Muitos pesquisadores começaram a publicar artigos não somente em periódicos específicos da área, que não parava de aumentar, mas também em periódicos de áreas correlatas, muitas vezes das chamadas ciências-mães. Pesquisadores da Fisiologia do Exercício começaram a publicar, por exemplo, no *Journal of Applied Physiology*; da Aprendizagem Motora, no *Journal of Experimental Psychology*, e assim por diante. Esses pesquisadores sabiam que uma estratégia eficaz para se mostrar maturidade científica era publicar em periódicos de elevado impacto, o que justificava o seu esforço, visto que periódicos de áreas de conhecimento mais antigas e consolidadas tinham fator de impacto mais elevado. Destarte, a busca do status acadêmico-científico representava uma meta não apenas individual como também institucional da própria área de conhecimento. Em síntese, tudo indicava que o “movimento disciplinar” tinha colocado a Educação Física na trilha acadêmica, bastando, agora, avançar nas pesquisas em direção à sua consolidação como uma área de conhecimento.

## 1.2.2 DOS DESDOBRAMENTOS DO “MOVIMENTO DISCIPLINAR” DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Entretanto, contrariando as expectativas, esse movimento começou a pagar, de certa forma, pelo próprio sucesso. A busca pelo status acadêmico-científico, até então entendida como meta prioritária, resultou na escolha do tipo de pesquisa que proporcionasse mais eficiência no alcance desse objetivo específico: pesquisas básicas que utilizavam paradigmas e métodos das chamadas *ciências duras*, ou seja, exatas e naturais. Essa escolha acarretou o abandono de pesquisas para se responder a perguntas que emanavam da intervenção profissional, deixando-se de produzir conhecimentos de natureza aplicada e tecnológica (Tani, 1996). Todos sabem que, mesmo na atualidade, existe uma visão distorcida – para não dizer um preconceito, sem fundamento – de se considerarem as pesquisas aplicadas menos científicas do que as básicas. E, também, é bem conhecido que pesquisas aplicadas demandam mais tempo para serem realizadas, envolvem mais variáveis intervenientes, implicando muitas vezes um “sacrifício” da fidedignidade dos resultados – elemento fundamental e mais caro para a pesquisa básica – a fim de ganhar em validade ecológica (Tani, 1996; Tani et al., 2005).

Essa busca pelo status acadêmico-científico, pela priorização de pesquisas básicas, afetou a estrutura, a organização e a política institucional, provocando no interior da área uma divisão entre pesquisadores que defendiam a continuidade dos estudos que estavam resultando na sua elevação e aqueles que defendiam a realização de pesquisas de natureza profissionalizante que produzissem conhecimentos para responder às questões que surgiam na intervenção profissional. Não faltaram manifestações de preocupação quanto ao futuro da área com essa divisão (Harris, 1981; Park, 1991; 1998). Harris descreveu a Educação Física como uma casa dividida (*house divided*), que apresentava as seguintes características: uma organização inadequada de ensino e pesquisa; uma falha de interpretação de um corpo de conhecimentos apropriado; uma disputa interna de poder; uma redundância de foco; e um bando de organizações e sociedades representando áreas especializadas que falharam em solucionar os problemas da área (Harris, 1981). Essa divisão deu origem a um embate aguerrido sobre a natureza da área traduzida na pergunta “Educação Física: disciplina acadêmica ou profissão?”, que começou no final da década de 1970 e dominou a agenda das discussões nas décadas seguintes. Por incrível que pareça, essa questão se encontra sem resposta ainda hoje, apesar do reconhecido avanço nas reflexões (Lawson & Kretchmar, 2017; Newell, 2007; 2017; Park, 2017; Rikli, 2006; 2007).

Além disso, o “movimento disciplinar”, influenciado pelo paradigma científico vigente à época (Tani, 1996), mais conhecido como reducionista ou mecanicista, centrado no procedimento analítico (Bertalanffy, 1968), deu origem à criação de subáreas de pesquisa cada vez mais específicas. As que emergiram inicialmente foram a Fisiologia do Exercício, a Biomecânica, a Aprendizagem Motora/Psicologia do Esporte, a Sociologia e Educação do Esporte, a História e Filosofia da Educação Física e a Teoria Administrativa em Esporte e Educação Física (Park, 1989). Essas subáreas, crescentemente centradas e fechadas nas questões internas de investigação, não se

abriram à comunicação entre si e produziram um fenômeno conhecido como fragmentação do conhecimento (Bressan, 1982; Greendorfer, 1987; Hoffman, 1985; Lawson, 1991; Thomas, 1987).

Esse fenômeno acabou virando uma bandeira dos pesquisadores defensores da Educação Física como profissão (como Bressan, 1979; 1982; Broekhoff, 1979; 1982; Ellis, 1988; 1990; Locke, 1977; 1990; Siedentop, 1990), para criticar pesquisas realizadas por pesquisadores que concebiam a Educação Física como disciplina acadêmica (como Arnold, 1993; Estes, 1994; Newell, 1990a; 1990b; 1990c; Wade, 1990; 1991; Wade & Baker, 1990). Recentemente, essa especialização das subáreas e a consequente fragmentação do conhecimento foram apontadas como o grande problema da área, que coloca em risco a sua sobrevivência, acusada de falta de foco e de clareza de missão (Rikli, 2006).

Não existe dúvida de que a especialização crescente das subáreas e a consequente fragmentação do conhecimento constituem um problema extremamente relevante. Todavia, no meu entender, esse problema não se restringe à questão específica de produção do conhecimento, isto é, à sua dinâmica. Ele abarca um assunto muito mais profundo, que diz respeito à identidade acadêmica da área. Na realidade, a fragmentação do conhecimento foi um subproduto da ausência de uma identidade clara da Educação Física, que, por sua vez, contribuiu para aprofundar ainda mais essa indefinição acadêmica.

De fato, a fragmentação do conhecimento teve grande impacto na disputa sobre a Educação Física ser uma disciplina acadêmica ou uma profissão. Para pesquisadores que concebiam a Educação Física como uma profissão, os conhecimentos básicos produzidos pela Educação Física como disciplina acadêmica, de maneira fragmentada, não poderiam constituir a base de conhecimentos capaz de dar sustentação teórica tanto à preparação como à prática profissional. Para estes, as necessidades da profissão deveriam orientar as pesquisas (aplicadas) a serem realizadas na área (Ellis, 1990), e não o recorte de um objeto de estudo (movimento humano) e sua investigação em diferentes níveis de análise (básicas), como é defendido por aqueles que concebiam a Educação Física como uma disciplina acadêmica.

Importa lembrar que, historicamente, a Educação Física ficou por muito tempo sem se preocupar em estruturar o seu próprio corpo de conhecimentos (pesquisa), limitando-se a oferecer cursos de preparação profissional, apesar de fazer parte do Ensino Superior. Acreditava-se que os conhecimentos necessários para tal fim estavam disponíveis em outras áreas de conhecimento, particularmente nas chamadas ciências-mães (Biologia, Psicologia, Sociologia, Antropologia etc.). Em outras palavras, a Educação Física apoiou-se por longo tempo numa verdadeira mula falsa (Tani, 1996), visto que essas áreas não tinham essa preocupação. É possível deduzir, portanto, que, nesse contexto, refletir a respeito da identidade acadêmica passava ao largo, por motivos óbvios, de modo que a preocupação com essa questão começou, de fato, com o problema da fragmentação do conhecimento.

Em síntese, esse embate provocou uma profunda ruptura entre os pesquisadores da área, resultando numa divisão interna (Harris, 1981; Park, 1998). Essa divisão deu origem a uma nova área, denominada de Cinesiologia (Newell, 1989; 1990c), em substituição à Educação Física. Essa mudança ocorreu em virtude da compreensão de que uma área de conhecimento que tem como objeto de estudo um fenômeno complexo como o movimento humano, a ser investigado de forma ampla e profunda, não deveria ser chamada de Educação Física (Renson, 1989), já que essa denominação se mostra restritiva e deixa de ser adequada para expressar toda a abrangência da área de conhecimento para dar suporte à intervenção profissional, não mais circunscrita à educação física ensinada nas escolas. Além disso, essa mudança de nomenclatura foi defendida para separar os aspectos disciplinares e acadêmicos dos aspectos práticos, numa tentativa de se obter respeitabilidade acadêmico-científica, isto é, uma forma de os acadêmicos evitarem o estigma de serem vistos como professores práticos (Wade & Baker, 1990) – o complexo de inferioridade a que se refere Newell (2017).

Evidentemente, os pesquisadores que defendiam a Educação Física como profissão pretendiam manter a tradição da área com foco nas pesquisas pedagógicas e na preparação de professores para o ensino formal. Argumentavam que, antes do “movimento disciplinar”, a Educação Física no Ensino Superior tinha uma identidade mais clara de preparar professores para ensinar a disciplina curricular de educação física na escola, ou seja, o foco estava na preparação profissional. Para eles, a criação da Cinesiologia introduziu desordem no sistema, resultando, nas palavras de Bressan (1982), em um *fine mess*. Se essa desordem consistiria em fonte de nova ordem ou levaria o sistema ao colapso, só o tempo poderia dizer.

### 1.2.3 DA CRIAÇÃO DA CINESIOLOGIA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Uma das consequências mais marcantes do “movimento disciplinar” foi a criação da Cinesiologia. Naturalmente, a sua constituição e os desenvolvimentos subsequentes seguiram a lógica dos pesquisadores que concebiam a Educação Física como disciplina acadêmica. Na realidade, diversas nomenclaturas foram adotadas para substituir a Educação Física como denominação de instituições, departamentos, cursos de preparação profissional e programas de pós-graduação, como Ciência do Exercício (Katch, 1989; 1990), Ciência do Esporte (Thomas, 1987), Cineantropologia (Renson, 1989) e várias outras, mais de uma centena, segundo Razor e Brassie (1990). Contudo, a grande maioria optou por “Cinesiologia” (Newell, 1989).

Antes de prosseguir com a descrição e a discussão acerca dos desdobramentos da Cinesiologia, faz-se necessário esclarecer que o termo *cinesiologia* utilizado no presente texto não pode ser confundido com o utilizado, desde longa data, na Educação Física e na Fisioterapia neste país, para identificar uma disciplina nos cursos de preparação profissional, cujo conteúdo se limita basicamente à mecânica corporal e à anatomia aplicada (às vezes utilizado como sinônimo de Biomecânica).

A manutenção da Educação Física ou a sua mudança para Cinesiologia aconteceu de acordo com as características das instituições. Houve diferentes interpretações sobre a natureza do empreendimento acadêmico a ser tocado doravante, o que possibilitou aos departamentos tomar decisões de acordo com as suas características, necessidades e demandas particulares, como corpo docente, necessidades sociais, mercado de trabalho, entre outras. Em termos gerais, em algumas universidades de menor porte, mais focadas no ensino de graduação, o departamento continuou sendo de Educação Física, com foco principal no curso de preparação profissional. Em outras universidades de médio porte e nos chamados *colleges*, a Educação Física se tornou apenas uma opção entre outros cursos de preparação profissional, e não mais o principal, como era antes da mudança. Agora, em muitas universidades de grande porte, em que existiam programas de pós-graduação fortes em atividades de pesquisa (denominadas de R1), a Educação Física foi sumariamente eliminada como curso de preparação profissional, não justificando mais a manutenção do departamento com esse nome. Essas mudanças fizeram com que a disciplina entrasse, inevitavelmente, numa fase de declínio. Além disso, o fato de a Educação Física ter se tornado uma disciplina curricular não compulsória no sistema educacional formal (conhecido como K-12) em muitos estados americanos acentuou ainda mais essa tendência.

No que se refere à pesquisa, com a criação da Cinesiologia, houve uma estratificação/divisão quanto ao foco dos estudos e investigações. Na Cinesiologia, o movimento humano e a atividade física; na Educação Física, as necessidades pedagógicas do componente curricular no sistema educacional. O declínio da Educação Física evidenciou ainda mais o crescimento da Cinesiologia, seguindo as metas de pesquisa estabelecidas pelo “movimento disciplinar”. De fato, observou-se uma elevação substancial do status acadêmico-científico. No entanto, ela “herdou” também o *modus operandi* do empreendimento científico do “movimento disciplinar”, caracterizado pela crescente especialização em subáreas de investigação, cada qual buscando o status acadêmico sem se preocupar com a integração dos conhecimentos. Isso fez com que o crescimento resultasse no inevitável aprofundamento das suas ambiguidades acadêmicas como uma área de conhecimento. Claro está que esse processo de crescimento sem demonstrar uma unidade acadêmica inequívoca foi sendo criticamente observado, acompanhado e avaliado pelos dirigentes universitários. Ao fim e ao cabo, o que resultou foi o fechamento de departamentos de Cinesiologia, ou a sua fusão com outros departamentos já existentes na universidade. Observou-se um verdadeiro paradoxo: crescimento acadêmico e perda de espaço institucional na estrutura universitária.

#### 1.2.4 CINESIOLOGIA: PROBLEMAS ACADÊMICOS E INSTITUCIONAIS

Rikli (2006) argumenta que, em razão dessa “herança”, a Cinesiologia perdeu o foco, tornando a sua missão ambígua. Nas suas palavras, converteu-se em uma área de conhecimento desabrigada (*homeless field*). Como consequência, ela não logrou o reconhecimento e o respeito da sociedade como área de conhecimento responsável por dar resposta a grandes problemas e necessidades da população. De acordo com a

sua avaliação (Rikli, 2006), a pressão para a área se tornar mais científica resultou em: a) crescente descentralização em subdisciplinas (subáreas); e b) perda da sua unificada missão e de seu foco como uma área integrada de estudo. Essa fragmentação, relacionada à ausência de uma associação profissional representativa, resultou em dificuldades para essa disciplina: a) obter reconhecimento nacional como uma área de estudo; b) mostrar força como voz política; c) realizar tipos de estudos transdisciplinares necessários para atacar importantes questões e temas da área.

Em decorrência, a Cinesiologia continuou com as mesmas perguntas que a Educação Física tinha: a) quem somos nós? b) qual é o nosso foco? c) somos uma disciplina, uma profissão ou um campo? d) qual é o nosso objeto de estudo: exercício, esporte, *fitness*, atividade física, movimento humano? e) como devemos chamar a área? Ademais, segundo Rikli (2006), essa dificuldade em relação à definição da própria identidade colocou em dúvida a capacidade da área de responder a importantes questões/temas/desafios/metas, como: a) aumentar a performance de atletas de elite; b) melhorar a mobilidade de idosos; c) reduzir a inatividade e a obesidade infantil; d) reduzir o sedentarismo de adultos e o conseqüente risco de doenças crônico-degenerativas.

De fato, a falta de foco causada pela crescente especialização em subáreas, a falta de clareza relativamente a sua missão, a ausência de um guarda-chuva capaz de abrigar a associação profissional ou a área de estudo e a ausência de um nome comum contribuíram para que muitas universidades extinguissem departamentos, cursos de preparação profissional e programas de pós-graduação em Cinesiologia (Ellis, 1998; Scanlan, 1998; Wilmore, 1998) no final da década de 1980 e na década seguinte, a começar pela Costa Oeste Americana, espalhando-se posteriormente pelos Estados Unidos.

Os dois primeiros departamentos de Cinesiologia a serem criados nas universidades americanas foram, respectivamente, na Universidade de Califórnia em Los Angeles (UCLA) e na Universidade de Washington. Ironicamente, os dois tiveram vida curta. Em um artigo publicado em 1998 na revista *Quest*, Scanlan aponta as causas do fechamento do Departamento de Cinesiologia da UCLA, que foi transformado em Departamento de Ciências Fisiológicas. Entre vários fatores que podem ter contribuído para tanto, ela destacou os seguintes: a) a clara missão inicial do departamento, com o tempo, foi sendo gradativamente obscurecida, tornando-se crescentemente estreita em termos de foco, e isso resultou na falta de equilíbrio entre as subáreas de investigação (*content areas*); b) a contratação de excelentes fisiologistas e neurocientistas, mas sem nenhum vínculo ou interesse referente ao estudo do movimento humano; isso fez o departamento perder cada vez mais a confiança no que estava fazendo, levando muitos pesquisadores a começara a identificar-se mais com as suas ciências-mães. Em suma, a busca do status acadêmico sem se importar com a especificidade da área fez com que a preocupação e o engajamento com a missão do departamento fossem deixados para um segundo plano. Com a transformação para Departamento de Ciências Fisiológicas, muitos dos acadêmicos do então Departamento de Cinesiologia foram demitidos (Scanlan, 1998).

O Departamento de Cinesiologia da Universidade de Washington era outro fortemente orientado à pesquisa, de reconhecida reputação, que encerrou suas atividades.

Comparativamente ao Departamento de Cinesiologia da UCLA, ele tinha um escopo de pesquisa mais amplo, contemplando maior número de subáreas de investigação (Scanlan, 1998). Seguindo a mesma tendência, o Departamento de Educação Física e de Estudos do Movimento Humano da Universidade de Oregon também deixou de existir (Ellis, 1998). Era considerado um dos departamentos mais fortes do país em referência à pesquisa. Tinha sido bem-sucedido em administrar internamente a tensão entre a nova orientação academicamente centrada que se originara do “movimento disciplinar” da Educação Física e a orientação profissional tradicional da área. Tinha uma forte vocação para a pesquisa e fazia prever um futuro promissor. Entretanto, em razão de problemas internos e externos ao departamento, ele deixou de existir. Como problemas externos, contribuíram a redução orçamentária e os conflitos administrativos em outros departamentos da mesma unidade, que respingaram sobre o Departamento de Cinesiologia; como internos, a insuficiência de ser forte apenas no domínio acadêmico/pesquisa, ou seja, sem atender à necessidade de equilibrar os esforços entre ensino, pesquisa e extensão, e a diversidade de nomenclatura que dificultava a compreensão da natureza da área (necessidade de um rótulo conceitual comum) por parte dos membros da comunidade universitária (Ellis, 1998). Interessante observar que esses fatores identificados como causas internas do fechamento foram os mesmos apontados como causas do fechamento de departamentos de Cinesiologia ou de denominações correlatas em outras universidades americanas.

O fechamento de departamentos de Cinesiologia nas universidades, iniciado na Costa Oeste dos Estados Unidos, disseminou-se (Rikli, 2006). Isso aconteceu na Universidade do Sul da Califórnia, na Universidade Estadual de Washington, na Universidade de Califórnia em Davis, na Universidade de Califórnia em Berkeley, na Universidade de Califórnia em Santa Barbara e na Universidade do Arizona. Muitos programas de doutorado em Cinesiologia tiveram o mesmo destino, como a sua eliminação na Universidade de Nevada em Reno, a sua redução na Universidade Estadual de São Francisco, e a sua redução também na Universidade de Nevada em Las Vegas, em que as partes mais importantes do programa foram fundidas em outros departamentos. Semelhantemente ao que aconteceu na UCLA, na Universidade de Colorado, ele foi transformado em Departamento de Fisiologia Integrada; e, na Universidade de Nebraska-Lincoln, foi simplesmente eliminado.

Quando reflito acerca desses fechamentos de departamentos de Cinesiologia nas universidades americanas, a começar pela Costa Oeste e estendendo-se posteriormente por todo o país, algumas indagações me inquietam: o fechamento de um departamento de Cinesiologia causa pouco prejuízo ou incômodo institucional (administrativo, político) à universidade? É fácil assim? Isso também poderia acontecer com áreas de conhecimento mais consolidadas? Ao pensar que a forte orientação à pesquisa foi uma necessidade de a Cinesiologia justificar a sua permanência na universidade, pode-se entender que esses departamentos estavam sendo punidos por serem bem-sucedidos em dar resposta positiva a essa necessidade imperiosa? Estavam pagando pelo próprio sucesso? Qual foi, afinal, o equívoco?

### 1.2.5 CINESIOLOGIA: AVANÇOS E NOVOS DESAFIOS

Nos departamentos em que houve a transição da Educação Física para Cinesiologia e que sobreviveram à extinção, cada um fez a sua particular interpretação da natureza acadêmica da área e começou a oferecer cursos de graduação com diferentes focos de conteúdo, atendendo às demandas sociais diversificadas. De fato, a Cinesiologia mostrou um crescimento acentuado nesse domínio (ensino de graduação), transformando-se num curso de preparação profissional de conteúdo acadêmico direcionado para atuação em diferentes frentes, como aquelas relacionadas à saúde (por exemplo, Fisioterapia e Terapia Ocupacional), ao *fitness*, ao treinamento, e assim por diante (Morrow & Thomas, 2010; Newell, 2017; Rikli, 2006; Thomas, 2014). Outro avanço foi em relação à pós-graduação, sendo a Cinesiologia incluída na avaliação dos programas nas Ciências da Vida (*Life Sciences*), feita pelo Conselho Nacional de Pesquisa (*National Research Council*) (Thomas et al., 2007).

Newell (2007), diferentemente de Rikli (2006), aponta que a Cinesiologia logrou importantes avanços acadêmicos nos últimos 50 anos, que a colocaram em situação vantajosa relativamente a outras áreas do conhecimento, especialmente no que se refere à possibilidade de dar resposta a importantes necessidades sociais contemporâneas relacionadas com a inatividade física e seu efeito na saúde e no bem-estar das pessoas.

Destarte, de acordo com o andar da carruagem, isto é, a sociedade tornando-se cada vez mais sedentária em virtude das transformações sociais, culturais, ambientais, econômicas, científicas e tecnológicas, as possibilidades e oportunidades de uma área de conhecimento que tem como objeto de estudo e aplicação a atividade física/exercício físico/movimento assumir o protagonismo na academia e na sociedade é reconhecidamente enorme.

No entanto, se esse avanço a que se refere Newell (2017) se traduzirá em conquistas efetivas no campo da intervenção profissional, ou seja, no oferecimento de serviços de qualidade à sociedade, isso vai depender da natureza do conhecimento produzido. E, nesse domínio, importantes movimentos na academia têm sido observados. Por exemplo, na medida em que cresceu o reconhecimento da atividade física/exercício físico/movimento para o bem-estar e a qualidade de vida, também cresceu o interesse de outras áreas de conhecimento em transformá-los em objeto de estudo próprio (Spirduso, 2009). Quais seriam as implicações dessa tendência na academia para a Cinesiologia? Que resposta a área teria de dar para não perder a chance do protagonismo?

Tudo indica que a Cinesiologia continuou a sua trajetória sem se preocupar com essa questão. Por exemplo, pesquisadores da Fisiologia do Exercício, da Bioquímica do Exercício, da Biomecânica, entre outros, de tanto se preocuparem com o status acadêmico-científico de sua produção intelectual, começaram a identificar-se mais com as respectivas ciências-mães do que com a própria área. Nesse esforço, o objeto de estudo perdeu o seu foco, visto que, em muitas pesquisas, a atividade física/exercício físico/movimento foi transformado em variável independente, e não mais constituía variável dependente do estudo. Em outras palavras, a atividade física foi convertida

em meios para testar efeitos de variáveis de interesse muitas vezes de outras áreas de conhecimento, como Medicina, Nutrição, Psicologia etc. A preocupação prioritária das pesquisas deixou de repousar sobre os efeitos que as variáveis independentes (por exemplo, tipo de prática, tipo de instrução, estrutura e tipo de treino) causam na atividade física/exercício físico/movimento. Spirduso chamou a atenção para esse problema, afirmando que essa tendência poderia ser um elemento a contribuir para a Cinesiologia perder a sua identidade acadêmica (Spirduso, 2009).

De acordo com Newell (2017), mais recentemente, os departamentos de Cinesiologia têm enfrentado outro desafio, que é a sua relação ampliada com programas profissionais orientados à saúde, como Fisioterapia, Fisiatria e Terapia Ocupacional. Como se sabe, a ampliação demasiada pode resultar em perda de foco. Entendo que, se essa ampliação consiste no uso da atividade física/exercício físico/movimento como variável independente para estudar seus efeitos numa multiplicidade de variáveis dependentes de outras áreas do conhecimento, certamente corre-se o risco da perda de foco. Cabe neste momento a seguinte reflexão: se considerássemos a atividade física/exercício físico/movimento uma variável dependente nos estudos da Cinesiologia e uma variável independente em outras áreas do conhecimento, o problema estaria resolvido sem conflito de interesses?

Enquanto essa questão continua em aberto, mais um desafio tem surgido para a Cinesiologia: em algumas universidades, a área tem desempenhado a função de cobrir as falhas deixadas pelos departamentos de Biologia e Ciências Comportamentais, tornando-se uma espécie de coadjuvante (Newell, 2017). Nesse contexto, a pergunta inevitável é: será que, no afã de buscar status e reconhecimento acadêmicos, a Cinesiologia perdeu a clareza da sua missão e ingenuamente tem focado seus esforços em problemas de investigação que têm enriquecido outras áreas de conhecimento? Importante ressaltar que o que está em discussão é a possibilidade de a Cinesiologia tornar-se protagonista em dar resposta a problemas sociais prementes (intervenção). Caso a discussão fosse o enriquecimento cultural da humanidade por meio da ciência, essas reflexões perderiam sentido e substância.

Parece contraditório, mas, conforme aponta Newell (2017), ao mesmo tempo que a Cinesiologia enfrenta desafios contemporâneos importantíssimos como dar respostas no combate ao sedentarismo, à obesidade entre tantos outros que têm fortes implicações na saúde e qualidade de vida das pessoas, a área se defronta com problemas tradicionais persistentes, como a crescente especialização das subáreas, a fragmentação do conhecimento e o embate “disciplina acadêmica x profissão”. Entendo que, tendo ele sido um dos protagonistas nas discussões, nos debates e, sobretudo, nas proposições acerca da estrutura e da organização acadêmicas da Cinesiologia (Newell, 1990a; 1990b; 1990c), a percepção de que esses problemas persistem ressalta a ausência ainda de uma clara identidade acadêmica da área e a consequente necessidade de profundas reflexões epistemológicas. Contudo, entendo perfeitamente que esse reconhecimento é, para ele, demasiadamente caro de se admitir.

### 1.2.6 O STATUS QUO DAS DISCUSSÕES

Uma das maneiras de tomar conhecimento da dinâmica histórica das discussões numa determinada área de conhecimento é acompanhar o comportamento dos periódicos representativos. Eles são muito sensíveis em captar o *momentum* da área no que tange a questões fulcrais e acabam marcando o destino das discussões com a publicação periódica de números especiais. São amplamente conhecidos, por exemplo, alguns números que marcaram a história da área, como os da revista *Quest* publicados em 1967, 1990 e 1998.

A publicação de números especiais continua reunindo manifestações de representantes prestigiados e visionários da academia. Isso pode ser entendido como uma evidência de que permanecem incertezas sobre o futuro da área, o que tem dado prosseguimento a amplas, intensas e profundas discussões (por exemplo, Block, 2016; Kretchmar, 2014; Lawson & Kretchmar, 2017; Newell, 2007; 2017; Park, 2017; Rikli, 2006; Thomas, 2014; Twietmeyer, 2012).

De fato, muitos eventos (encontros, seminários, conferências) têm sido realizados para se discutirem a questão da natureza da área, seu objeto de estudo, objetivo e missão, que têm resultado na publicação de números especiais de modo recorrente. Em 2007, a revista *Quest* lançou um número composto por artigos que foram apresentados na Reunião Anual da Academia Americana de Cinesiologia e Educação Física, realizada em 2006 em Tucson, no Arizona. O evento teve como tema central a definição do âmago (*core*) acadêmico da Cinesiologia, ou seja, a essência do seu conteúdo em relação ao conhecimento. Naturalmente, a escolha dessa temática possibilita deduzir que ainda havia indefinições a respeito desse âmago.

De acordo com Reeve (2007), autor de um dos artigos nesse número, a área tinha de discutir essa questão, provavelmente, em razão de a meta central da área ter mudado de uma orientação profissional na Educação Física para uma orientação centrada na ciência em Cinesiologia. Em outro artigo que compõe esse número especial, Newell argumenta sobre o mérito e a dificuldade da área em lidar com uma agenda acadêmica múltipla que, dependendo da maneira como for tratada, pode trazer vantagens e desvantagens referentes à construção do âmago acadêmico da área. Agenda múltipla, interpretada positivamente, pode significar diversidade temática, evidenciando riqueza de problemas de investigação; negativamente interpretada, pode indicar falta de foco temático.

Entendo que o que define e garante a coerência temática relativamente à abrangência das atividades investigativas no interior da área é a sua identidade acadêmica. Sem tê-la claramente definida, a perseguição de agenda múltipla corre o risco de resultar na ampliação das ambiguidades epistemológicas da área.

Em 2012, foi lançado o número inaugural de um novo periódico da Cinesiologia denominado *Kinesiology Review*, composto por textos relacionados às conferências de renomados acadêmicos de diferentes subáreas feitas no 81º Encontro Anual da Academia Nacional de Cinesiologia, realizado em 2011, em Mineápolis, Minnesota. O tema central das conferências foi “Pesquisa em Cinesiologia: seu impacto na sociedade”,

tendo como meta elevar a consciência quanto à relevância social da pesquisa em Cinesilogia e estimular reflexões concernentes às maneiras adicionais de os acadêmicos de diferentes subáreas trabalharem em conjunto para tratar de importantes temas (Rikli, 2012).

Interessante observar que, quase 50 anos depois do artigo seminal de Henry (Henry, 1964), a Cinesilogia ainda escolhia como tema central para discussão a relevância social de suas pesquisas, e os conferencistas que a discutiriam eram especialistas de subáreas. Essa escolha temática permite interpretar que a relevância social fora posta em questão, e cabe, então, perguntar: será que a relevância foi questionada em virtude da tão propalada e debatida fragmentação do conhecimento provocada pela crescente divisão da área em subáreas específicas? Nesse caso, não soa estranho convidar especialistas por subárea de investigação para discutirem a relevância da pesquisa em Cinesilogia, cada um apresentando implicações do avanço em seu particular domínio, se o problema está exatamente na fragmentação do conhecimento? Não seria como colocar um cabrito para tomar conta de uma horta? De todas as maneiras, o tema escolhido revela que a Cinesilogia ainda não tinha comprovado a sua relevância social como área de conhecimento. Desconheço o fato de áreas de conhecimento já consolidadas colocarem em questão a relevância social de suas pesquisas, fazendo dessa discussão o tema central do seu encontro anual.

Curioso também o fato de o mesmo periódico (*Kinesiology Review*) ter lançado, cinco anos depois (2017), um número especial para abordar a história da Cinesilogia, refletindo sobre importantes questões filosóficas discutidas ao longo do tempo, com o objetivo de obter uma visão mais clara acerca do futuro da área (Wiggins et al., 2017). Dos sete artigos que compõem esse número especial, um me chamou atenção de modo especial: o de Roberta Park (2017), que, ao responder à pergunta feita no título “É a Educação Física de hoje o legado que Franklin Henry desejou?”, toca num ponto central nas proposições de Henry (1964; 1978) – a dúvida que deixou relativamente a área ser de natureza acadêmica ou profissionalizante. Como é amplamente conhecida, essa dúvida constitui um dos pilares da ambiguidade epistemológica da área que ainda persiste. Park argumenta que o fato de Henry ter proposto ser a Educação Física uma disciplina acadêmica, não significou que ele tenha diminuído a importância da aplicação dos conhecimentos, uma marca que a Cinesilogia alimentou até chegar aos dias atuais. Em outras palavras, Henry apenas desejou enfatizar a necessidade de a Educação Física se firmar e consolidar como área de conhecimento, e, para tanto, apontou que a pesquisa acadêmico-científica era fundamental. Importante lembrar que estava em jogo, naquela época, a sobrevivência da área no contexto universitário. Park conclui que o que ocorreu com o desdobramento do “movimento disciplinar” que resultou na criação da Cinesilogia e provocou a divisão na área que persiste até os dias de hoje não é o legado que Henry desejou (Park, 2017).

Paralelamente às publicações, outro aspecto interessante para avaliar a trajetória histórica é observar as mudanças ocorridas com as associações acadêmicas representativas, particularmente em referência às suas denominações. Por exemplo, a Academia Americana de Educação Física (AAPE), fundada em 1923, mudou a sua denominação

em 1993 para Academia Americana de Cinesiologia e Educação Física (AAKPE), e, novamente, em 2010, para Academia Nacional de Cinesiologia (NAK), evidenciando o surgimento e a gradativa supremacia da Cinesiologia em relação à Educação Física. A Educação Física continua a ser representada pela Associação Americana para Saúde, Educação Física, Recreação e Dança (AAHPERD), agora Sociedade para Saúde e Educação Física América (*Society for Health and Physical Education America – SHAPE America*).

### 1.3 SÍNTESE DOS DESDOBRAMENTOS DA CINESIOLOGIA

A Cinesiologia se dividiu em subáreas de investigação cada vez mais especializadas e fechadas em si mesmas (Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Aprendizagem Motora, Psicologia do Esporte, Sociologia do Esporte, por exemplo), o que a fez perder o foco e a missão como uma área integrada de conhecimento (Park, 1998; Rikli, 2006; Scanlan, 1998), ou seja, a “*big picture*” (Rikli, 2006) da área foi perdida. Mais um exemplo concreto a dar suporte à velha máxima de que a soma das partes não faz o todo.

Sob a óptica institucional, a pressão para ser mais científica e obter reconhecimento como uma área de conhecimento merecedora de um lugar no Ensino Superior levou muitos departamentos de Educação Física a mudarem para Cinesiologia, especialmente nas universidades em que havia pós-graduação com fortes atividades de pesquisa. No entanto, a busca por essa meta implicou uma crescente divisão na área, resultando numa ruptura (Rikli, 2006) que nunca mais foi resolvida. Em termos de pesquisa, resultou na divisão em duas áreas: uma que busca avanço acadêmico-científico (Cinesiologia) e outra que se preocupa com aspectos profissionalizantes (Educação Física). Não obstante, essa ruptura não resultou numa clara separação das áreas quando se lida com dados estatísticos sobre o estado da arte (veja, por exemplo, Thomas, 2014; Morrow & Thomas, 2010), persistindo uma relação dúbia, em que as duas se confundem. De todas as maneiras, conviver com essa divisão não tem sido nada construtivo. Alguns ressaltam a necessidade de integração (Gill, 2007); outros, a busca por um propósito comum via diálogo orientado por uma agenda oficial (*stewardship-oriented*) (Lawson & Kretchmar, 2017), ou, ainda, a criação de uma sociedade científica unificada (Wade, 2007) ou uma associação guarda-chuva (Rikli, 2006). No entanto, juntar as peças não tem sido nada fácil. Esforços de integração têm resultado em propostas e sugestões que acrescentam mais entropia no sistema – por exemplo, criar dúvida se a Cinesiologia tem característica de uma disciplina acadêmica, profissional ou ambas (veja, por exemplo, Gill, 2007) nessa altura do campeonato.

A questão é reunificar em torno de que propósito e identificar qual será o fator que vai desempenhar o papel de amalgama. Isso remete à necessidade de uma profunda reflexão epistemológica a respeito da identidade da área, que, no meu entender, ainda não aconteceu, e, se ocorreu, o foco estava equivocado. Num artigo publicado há mais de 20 anos (Tani, 1996), tinha alertado que, se nos Estados Unidos a Cinesiologia estava sendo proposta para simplesmente substituir a Educação Física, abarcando tanto dimensões acadêmicas como profissionalizantes, o problema de identidade não seria

solucionado. Isso poderia resultar em soluções paliativas de considerar a “tradicional” Educação Física como um ramo (*subset*) da “moderna” Cinesiologia, como propõe Newell (2017), sem resolver a questão de fundo. Evidentemente, não tinha nenhuma bola de cristal em mãos, mas tudo indica que a previsão se confirmou.

Oportuno ressaltar que a clareza da missão de uma área depende da identidade acadêmica também claramente definida. Essa identidade possibilita visualizar e reconhecer a singularidade da área, o que é fundamental no contexto de uma universidade. Sem essa singularidade, corre-se o risco de ser incorporada ou fundida a outras unidades, ou até mesmo fechada. A definição de identidade é fundamental também para definir o escopo das atividades de pesquisa que precisa ser delimitado, mas suficientemente amplo para justificar uma unidade no contexto da universidade. De fato, em algumas universidades americanas, os departamentos de Cinesiologia têm sido fundidos a outros departamentos relacionados à saúde, como Ciências da Saúde e Saúde Pública. De acordo com Rikli (2006), no estado da Califórnia, não existe mais nas universidades Cinesiologia com doutorado. As pesquisas no que se refere a atividade física/exercício físico/movimento continuam a ser realizadas, contudo, em departamentos como Biologia, Fisiologia, Psicologia, Saúde Pública e assim por diante.

Para se resgatarem o foco e a missão como uma área integrada de conhecimento, muitos defendem que a solução dos problemas se encontra na pesquisa interdisciplinar, multidisciplinar ou transdisciplinar. No meu entender, propor essas abordagens de pesquisa não resolve o problema. Basta se perguntar: essas abordagens são eficazes independentemente da natureza da área – acadêmica ou profissionalizante? A busca de solução pede antes uma definição epistemológica referente a essa questão fulcral, para depois se discutirem as características e as dinâmicas das pesquisas.

Na realidade, muita confusão se faz na utilização dos conceitos de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade quando se discute a identidade acadêmica da área. Considerando que a Cinesiologia tem como objeto de estudo a atividade física/o exercício físico/o movimento humano e investiga-os em diferentes níveis de análise, do mais micro ao mais macro, em certo sentido pode-se concebê-los como de natureza “internamente” multidisciplinar ou, de acordo com Scanlan (1998), inerentemente inter e multidisciplinar. Isso difere dos conceitos tradicionais de interdisciplinaridade e multidisciplinaridade que se referem à relação entre as disciplinas (diferentes áreas de conhecimento). Fazendo-se um paralelo, a Biologia seria disciplinar, visto que investiga apenas em um nível de análise, assim como a Psicologia e a Antropologia. Ademais, note-se que essa questão faz sentido quando se tem como premissa que a Cinesiologia é uma área de conhecimento de natureza básica. A reflexão muda de figura se ela é considerada de natureza profissionalizante. As pesquisas numa área de conhecimento de natureza profissionalizante são, por necessidade, integrativas, uma vez que pretendem dar resposta a problemas relevantes e prementes da sociedade (procedimentos e não explicações) que são complexos e reclamam por conhecimentos aplicados e tecnológicos na sua solução. Por exemplo, programas de atividades físicas para combater o sedentarismo e a obesidade infantil, melhorar a mobilidade dos idosos e pessoas com deficiência, potencializar o desempenho de

atletas de elite, promover a “alfabetização” motora de crianças na sociedade digital, entre outros, necessitam integrar conhecimentos da Bioquímica do Exercício, Fisiologia do Exercício, Nutrição, Desenvolvimento Motor, Aprendizagem Motora, Psicologia do Esporte, e assim por diante, num projeto de pesquisa e testá-lo empiricamente. A integração de subáreas é para as áreas de conhecimento de natureza acadêmica uma meta, uma necessidade, um desafio, mas, para as áreas de conhecimento de natureza profissionalizante, uma premissa.

Como se nota, as grandes questões que a área enfrenta, como as anteriormente mencionadas, são todas de natureza profissionalizante. A resposta a essas questões reclama por pesquisas aplicadas e tecnológicas. Naturalmente, na ausência de conhecimentos básicos a partir dos quais realizar essas pesquisas aplicadas, pode se considerar que essas questões também reclamam por pesquisas básicas. Entretanto, são necessidades de natureza processual, inerentes às etapas na produção do conhecimento, do básico para o aplicado e tecnológico.

É extremamente irônico observar que, para se salvar, a Cinesiologia teve de esforçar-se para tornar-se mais científica, mas isso resultou na sua divisão em forma de subáreas cada vez mais específicas e independentes. Como já discutido, hoje, a fragmentação do conhecimento decorrente dessa divisão tem sido apontada como o grande problema que coloca em risco a sobrevivência da área, pois ela tem sido acusada de falta de foco, como bem destaca Rikli (2006).

Rikli (2006) e Newell (2007; 2017) apontam vários problemas que compartilho. Entretanto, não atacam o principal problema: a natureza da área – uma reflexão epistemológica para definir se somos uma área acadêmica (disciplinar, básica) ou profissionalizante (de intervenção, aplicada). Ambos ressaltam que importantes questões/temas/desafios/metad da área requerem pesquisas transdisciplinares, quais sejam, pesquisas colaborativas entre as várias subdisciplinas. Todavia, se essas subdisciplinas forem de natureza básica (Bioquímica do Exercício, Fisiologia do Exercício, Biomecânica etc.), o problema não se resolve, visto que essas questões são temáticas de cariz profissionalizante. O problema não se resume a foco (objeto de estudo); refere-se, principalmente, à natureza do estudo.

Não existe dúvida de que a fragmentação do conhecimento, como resultado da crescente subdivisão da área em subáreas cada vez mais específicas e fechadas em si mesmas, tem sido um problema para a Cinesiologia. Ela fez com que a área perdesse o foco e obscurecesse a sua missão. No entanto, o problema maior é não aprofundar a discussão para elucidar as causas desse fenômeno, isto é, discutir por que ele aconteceu. Claro está que o paradigma científico vigente, de natureza analítica, contribuiu; a pressão para a busca do status acadêmico para manter-se na estrutura universitária, também (salvação). A característica pragmática das universidades americanas relacionada à organização de cursos e departamentos, muito centrada nas demandas do mercado de trabalho, é outro fator a ser considerado. Tudo isso pode ter contribuído, mas, a meu ver, a principal causa está na falta de uma reflexão epistemológica sobre a natureza da área para deixar clara a sua identidade.

Essa reflexão epistemológica tem sido uma de minhas preocupações acadêmicas ao longo da carreira, tendo resultado em algumas publicações (Tani, 1988; 1989; 1996; 1998; 1999; 2000; 2006; 2007; 2008; 2011a; 2011b; 2014; 2016; Tani & Corrêa, 2019). Sucintamente, na minha proposta, Cinesiologia, Educação Física e Esporte são áreas de conhecimento relacionadas, porém, distintas. A primeira é uma área de natureza acadêmica que tem como meta o estudo do movimento humano, mediante pesquisa básica em diferentes níveis de análise, desde o mais micro ao mais macroscópico. As duas últimas são áreas de conhecimento de natureza profissionalizante que, mediante pesquisas aplicadas, procuram produzir conhecimentos que deem sustentação a programas, propostas e procedimentos de intervenção profissional nos seus respectivos domínios de intervenção. Portanto, essa proposta não segue a mesma lógica que resultou na criação da Cinesiologia nos Estados Unidos: não substitui a Educação Física com o objetivo de elevar o status acadêmico, não transforma a Educação Física em seu ramo profissionalizante, não consiste na simples mudança de denominação, tampouco uma mudança para acomodar as disputas e rupturas internas nas instituições universitárias.

Essas três áreas (Cinesiologia, Educação Física e Esporte) poderiam ser acomodadas no seio de uma universidade em forma de departamentos, numa unidade independente. Tenho proposto a denominação de Faculdade de Cinesiologia, Educação Física e Esporte, constituída de três departamentos, cada qual representando uma área de conhecimento anteriormente mencionada (Tani, 1996). Exemplos de unidades com esse tipo de estrutura e organização acadêmica são comuns na nossa estrutura universitária. Por exemplo, na Universidade de São Paulo, temos a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, com três departamentos, cada um representando uma área de conhecimento. Aos interessados para maiores detalhes da proposta, sugiro a leitura dos originais acima citados.

## 1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física brasileira tem muito a aprender com o que ocorreu e está ocorrendo com a Cinesiologia nos Estados Unidos. Lamentavelmente, tudo indica que a área está seguindo o mesmo percurso, com décadas de atraso. A continuar assim, repetiremos os mesmos embates, disputas, divisões, rupturas e percalços que marcaram as últimas décadas da Educação Física no território americano.

Como já apontado (Tani, 2011a), a busca de solução para os problemas complexos e básicos que a Educação Física brasileira atualmente enfrenta, como o tipo de pesquisa a ser realizado e estimulado (básica, aplicada, tecnológica), a avaliação dos programas de pós-graduação (critérios adequados às especificidades das pesquisas biológicas, socioculturais, pedagógicas), a avaliação da produção docente e institucional (ensino, pesquisa e extensão, e não apenas pesquisa), a natureza e estrutura do curso de preparação profissional (bacharelado e licenciatura), a qualidade do serviço e responsabilidade social na atuação profissional (ética profissional), a regulamentação da profissão (o papel dos Conselhos Federal e Regional), a estrutura dos departamentos nas instituições, a

definição da função como disciplina curricular no processo de escolarização, entre outros, esbarra, invariavelmente, na definição da sua identidade acadêmica.

Mas temos, ainda que tarde, uma escolha: continuarmos sem discutir seriamente as bases epistemológicas da área para definir a sua identidade ou optarmos por um salto qualitativo, o que implicaria, entre outras coisas: a) evitar o aprofundamento da disputa em torno de sua caracterização como área acadêmica ou profissionalizante; b) cessar a discussão sobre a questão de a área pertencer ao domínio das ciências biológicas ou das humanas e sociais; c) orientar as pesquisas para se evitar a fragmentação do conhecimento; d) buscar consenso em relação à nomenclatura da área; e) criar uma associação científica representativa; f) publicar o seu periódico representativo (Tani, 1996; 1998; 2007; 2014; 2016).

## REFERÊNCIAS

- Arnold, P. J. (1993). Kinesiology and the professional preparation of the movement teacher. *Journal of Human Movement Studies*, 25, 203-231.
- Bardy, B. G. (2008). A European perspective on kinesiology in the 21<sup>st</sup> century. *Quest*, 60(1), 139-153.
- Bertalanffy, L. von. (1968). *General systems theory*. George Braziller.
- Block, B. A. (2016). The professoriate and the future of higher education kinesiology. *Quest*, 68(3), 229-239.
- Bressan, E. S. (1979). 2001: the profession is dead - was it murder or suicide? *Quest*, 31(1), 77-82.
- Bressan, E. S. (1982). An academic discipline for physical education: what a fine mess! In L. L. Gedvilas (Ed.), *Proceedings of the National Association for Physical Education in Higher Education* (Vol. III). Human Kinetics.
- Broekhoff, J. (1979). Physical education as a profession. *Quest*, 31(2), 244-254.
- Broekhoff, J. (1982). A discipline - who needs it? In L. L. Gedvilas (Ed.), *Proceedings of the National Association for Physical Education in Higher Education* (Vol. III). Human Kinetics.
- Conant, J. B. (1963). *The education of American teachers*. McGraw-Hill.
- Elliott, D. (2007). Forty years of kinesiology: a Canadian perspective. *Quest*, 59(1), 154-162.
- Ellis, M. J. (1988). Warning: the pendulum has swung far enough. *JOPERD*, 59(3), 75-78.
- Ellis, M. J. (1990). Reactions to "The body of knowledge: a common core". In The American Academy of Physical Education (Ed.), *The Academy Papers*, (23). Human Kinetics.
- Ellis, M. J. (1998). Disasters on the west coast: personal observations. *Quest*, 50(2), 121-125.

- Estes, S. (1994). Knowledge and kinesiology. *Quest*, 46(4), 392-409.
- Gill, D. L. (2007). Integration: the key to sustaining kinesiology in higher education. *Quest*, 59(3), 270-286.
- Greendorfer, S. L. (1987). Specialization, fragmentation, integration, discipline, profession: what is the real issue? *Quest*, 39(1), 56-64.
- Harris, D. V. (1981). Physical education: a house divided. In The American Academy of Physical Education (Ed.), *The Academy Papers*, (15). Human Kinetics.
- Henry, F. M. (1964). Physical education - an academic discipline. *JOHPER*, 35(7), 32-38; 69.
- Henry, F. M. (1978). The academic discipline of physical education. *Quest*, 29(1), 13-29.
- Hoffman, S. J. (1985). Specialization + fragmentation = extermination: a formula for the demise of graduate education. *JOPERD*, 56(6), 19-22.
- Katch, F. I. (1989). Exercise science - It's more than just a name change. *JOPERD*, 60(8), 71-72.
- Katch, F. I. (1990). Commentary: reascending the mountain. *Quest*, 42(3), 305-314.
- Kretchmar, R. S. (2014). Complementary kinesiology: why it is not wise to choose sides or work alone. *Quest*, 66, 249-262.
- Lawson, H. A. (1991). Specialization and fragmentation among faculty as endemic features of academic life. *Quest*, 43(3), 280-295.
- Lawson, H. A., & Kretchmar, R. S. (2017). A generative synthesis for kinesiology: lessons from history and visions for the future. *Kinesiology Review*, 6(2), 195-210.
- Locke, L. F. (1977). From research and the discipline to practice and the profession: one more time. *Proceedings of the NCPEAM/NAPECW National Conference*, 34-45.
- Locke, L. F. (1990). Commentary: conjuring kinesiology and other political parlor tricks. *Quest*, 42(3), 323-329.
- Morrow, J. R., & Thomas, J. R. (2010). American Kinesiology Association: a national effort to promote kinesiology. *Quest*, 62(1), 106-110.
- Newell, K. M. (1989). Kinesiology. *JOPERD*, 60(8), 69-70.
- Newell, K. M. (1990a). Kinesiology: the label for the study of physical activity in higher education. *Quest*, 42(3) 269-278.
- Newell, K. M. (1990b). Physical activity, knowledge types, and degree programs. *Quest*, 42(3), 243-268.
- Newell, K. M. (1990c). Physical education in higher education: chaos out of order. *Quest*, 42(3), 227-242.
- Newell, K. M. (2007). Kinesiology: challenges of multiple agendas. *Quest*, 59(1), 5-24.

- Newell, K. M. (2017). Reflections on kinesiology: persistent issues and contemporary challenges. *Kinesiology Review*, 6(2), 211-216.
- Park, R. J. (1989). The second 100 years: or can physical education become the renaissance field of the 21st century? *Quest*, 41(1), 1-27.
- Park, R. J. (1991). On tilting at windmills while facing Armageddon. *Quest*, 43(3), 247-259.
- Park, R. J. (1998). A house divided. *Quest*, 50(2), 213-224.
- Park, R. J. (2017). Is today's physical education the legacy that Franklin Henry had hoped for? *Kinesiology Review*, 6(2), 187-194.
- Razor, J. E., & Brassie, P. S. (1990). Trends in the changing titles of physical education departments in the United States. In American Academy of Physical Education (Ed.), *The Academy Papers*, (23). Human Kinetics.
- Reeve, T. G. (2007). Kinesiology: defining the academic core of our discipline. *Quest*, 59(1), 1-4.
- Renson, R. (1989). From physical education to kinanthropology: a quest for academic and professional identity. *Quest*, 41(3), 235-256.
- Rikli, R. (2006). Kinesiology – a “homeless” field: addressing organization and leadership needs. *Quest*, 58(3), 288-309.
- Rikli, R. (2012). Kinesiology research: its impact on society. *Kinesiology Review*, 1(1), 1-2.
- Rink, J. (2007). What knowledge is of most worth? Perspectives on kinesiology from pedagogy. *Quest*, 59(1), 100-110.
- Sage, G. H. (2013). Resurrecting thirty years of historical insight about kinesiology: a supplement to “What is kinesiology? Historical and philosophical insights”. *Quest*, 65(2), 133-138.
- Scanlan, T. K. (1998). Thriving versus surviving. *Quest*, 50(2), 126-133.
- Siedentop, D. (1990). Commentary: the world according to Newell. *Quest*, 42(3), 315-322.
- Silverman, S. (2009). Advancing research in kinesiology: introduction. *Quest*, 61(1), 1-4.
- Spiriduso, W. W. (2009). Staying afloat in an information-age sea change. *Quest*, 61(1), 5-18.
- Tani, G. (1988). Pesquisa e pós-graduação em educação física. In S. C. E. Passos (Org.), *Educação física e esportes na universidade* (pp.381-394). SEED-MEC/UnB.
- Tani, G. (1989). Perspectivas da educação física como disciplina acadêmica. In *Anais do II Simpósio Paulista de Educação Física* (Vol. II, pp. 2-12). Universidade Estadual Paulista.
- Tani, G. (1996). Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. *Motus Corporis*, 3(2), 9-50.

Tani, G. (1998). 20 anos de ciências do esporte: um transatlântico sem rumo? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, (Número Especial comemorativo dos 20 anos de fundação), 19-31.

Tani, G. (1999). Atividade de pesquisa na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo: passado, presente e futuro. *Revista Paulista de Educação Física*, 13(Número Especial comemorativo dos 30 anos de incorporação pela Universidade de São Paulo), 20-35.

Tani, G. (2000). Os desafios da pós-graduação em educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 22, 79-90.

Tani, G. (2006). Comportamento motor e sua relação com a educação física. *Brazilian Journal of Motor Behavior*, 1, 21-30.

Tani, G. (2007). Educação física: por uma política de publicação visando à qualidade dos periódicos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 29(1), 9-22.

Tani, G. (2008). Área de conhecimento e intervenção profissional. In U. C. Corrêa (Org.), *Pesquisa em comportamento motor: a intervenção profissional em perspectiva* (pp. 14-25). Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Tani, G. (2011a). A educação física e o esporte no contexto da universidade. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25, 117-126.

Tani, G. (2011b). *Leituras em educação física: retratos de uma jornada*. Phorte.

Tani, G. (2014). Editoração de periódicos em educação física/ciências do esporte: dificuldades e desafios. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36(4), 714-721.

Tani, G. (2016). Pós-graduação em educação física: crescimento e correção da rota. In W. W. Moreira & V. L. Nista-Piccolo (Orgs.), *Educação física e esporte no século XXI* (pp. 153-171). Papirus Editora.

Tani, G., Dantas, L.E.P.B.T., & Manoel, E. J. (2005). Ensino-aprendizagem de habilidades motoras: um campo de pesquisa de síntese e integração de conhecimentos. In G. Tani (Ed.), *Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento* (pp.106-116). Guanabara Koogan.

Thomas, J. R. (1987). Are we already in peaces, or just falling apart? *Quest*, 39(2), 114-121.

Thomas, J. R. (2014). The public face of kinesiology in the 21st century. *Quest*, 66(3), 313-321.

Thomas, J. R., Clark, J. E., Feltz, D. L., Kretchmar, R. S., Morrow, J. R. Jr., Reeve, T. G., & Wade, M. G. (2007). The academy promotes, unifies, and evaluates doctoral education in kinesiology. *Quest*, 59(1), 174-194.

Twietmeyer, G. (2012). What is kinesiology? Historical and philosophical insights. *Quest*, 64(1), 4-23.

Wade, M. G. (1990). Recent developments concerning the term kinesiology. In The American Academy of Physical Education (Ed.), *The Academy Papers*, (23). Human Kinetics.

Wade, M. G. (1991). Further reactions to Newell: unravelling the Larry and Darryl magical mystery tour. *Quest*, 43, 207-213.

Wade, M. G. (2007). Quo vadis kinesiology. *Quest*, 59(1), 170-173.

Wade, M. G., & Baker, J. A. W. (1990). The changing framework of physical education: new name, new responsibilities. *Physical Education Review*, 13, 138-145.

Wiggins, D. K., Weiss, M. R., & Kretchmar, R. S. (2017). Reflections on kinesiology: past, present, and future. *Kinesiology Review*, 6(2), 137-139.

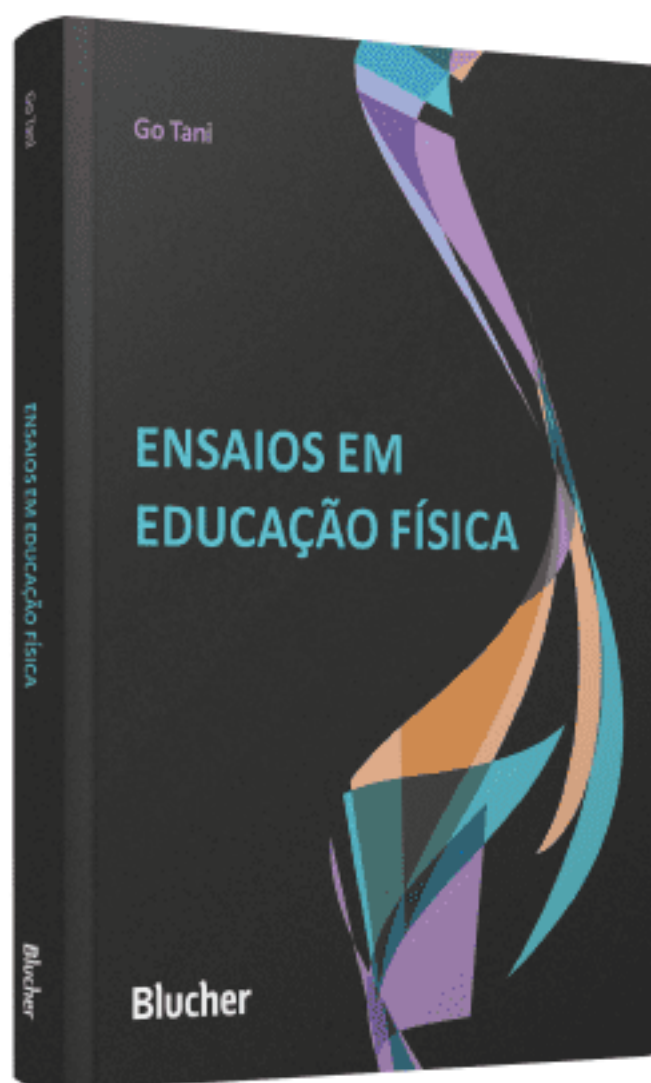
Wilmore, J. H. (1998). Building strong academic programs for our future. *Quest*, 50(2), 103-107.

**Na carreira universitária, os docentes necessitam desempenhar várias funções além da pesquisa, que demandam conhecimentos que transcendem aqueles específicos de sua área de investigação.** Assim, é razoável pensar que, se esse universo mais amplo de conhecimentos tivesse sido objeto de exploração, análise e reflexão mais aprofundadas, isso lhes possibilitaria uma participação mais ativa e efetiva nessas funções. Os textos ensaísticos, nem sempre devidamente valorizados, são úteis e apropriados exatamente para se expressarem os frutos desse esforço, colocando-os à discussão e a análises críticas. Este livro trata de temas como base epistemológica, preparação profissional, intervenção profissional, pesquisa e pós-graduação em Educação Física, procurando ser fiel a essa visão de carreira universitária.



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Ensaaios em Educação Física

---

**Go Tani**

ISBN: 9786555067750

Páginas: 348

Formato: 17 x 24 cm

Ano de Publicação: 2023

---